

## Peru: Vazamento de óleo mata toneladas de peixe e afeta saúde de indígenas

Categories : [Reportagens](#)

*\*Publicado originalmente no site [Environmental Health News](#), onde podem ser encontradas versões em inglês e espanhol.*

CUNINICO, Peru - No último dia de junho, Roger Mangia Vega observou uma mancha de óleo e uma massa de peixes mortos passar flutuando por Kukama, uma pequena comunidade indígena, até desaguar no rio Marañón, um importante afluente do Amazonas.

Os líderes comunitários ligaram para o número de emergência da Petroperu, a operadora estatal do gasoduto de 845 quilômetros que bombeia petróleo cru da Amazônia pela Cordilheira dos Andes até um porto na costa norte do Peru.

No final da tarde, Mangia e um punhado de seus vizinhos - contratados pela empresa e vestindo apenas roupas comuns - afundaram até o pescoço em água oleosa, em busca do vazamento na tubulação. Os moradores dependem dos peixes para subsistência e renda. Eles estimaram ter visto entre 2 e 7 toneladas de peixes mortos flutuando em lagoas e poluindo a região.

"Foi a coisa mais horrível que eu já vi na minha vida - a quantidade de óleo, o enorme número de peixes mortos e meus irmãos Kukama trabalhando sem a proteção necessária", disse Ander Ordóñez Mozombite, um monitor ambiental de um grupo comunitário indígena chamado Acodecospat, que visitou o local dias depois.

*Clique nas imagens para ampliá-las e ler as legendas*

Esta ruptura do oleoduto de 39 anos de idade, ao norte do Peru, aterrorizou os moradores dos vilarejos Kukama ao longo do rio Marañón. As pessoas se queixam de náusea e erupções

cutâneas, agravadas pelo nervosismo sobre a qualidade do peixe, as preocupações com a renda perdida e temores de que o petróleo vai se espalhar por toda a floresta tropical e seus lagos, quando a inundação sazonal começar em novembro. Cuninico, uma vila de casas de palafitas de madeira e teto de sapê, é o lar de cerca de 130 famílias, mas várias centenas de famílias de outras comunidades próximas também pescam nas proximidades.

Três semanas depois de descobrirem o vazamento, os moradores ainda têm mais perguntas do que respostas sobre os impactos.

"Parece um colapso ambiental para as pessoas e para o ecossistema", disse David Abramson, vice-diretor do Centro Nacional de Prevenção de Desastres, do Earth Institute (Instituto da Terra), que fica na Universidade de Columbia, em Nova York.

"Há necessidade de vigilância ambiental e saúde pública em no mínimo quatro níveis: água, peixes, vegetação e população", disse Abramson.

Representantes da empresa Petroperu não retornaram as ligações telefônicas e e-mails pedindo comentários.

Funcionários do governo não anunciaram oficialmente quanto petróleo bruto foi derramado. No entanto, em uma entrevista de rádio, Eleodoro Mayorga, ministro de Minas e Energia, falou em dois mil barris, equivalentes a 84 mil litros.

Após os reparos, o gasoduto recomeçou a funcionar de novo em 12 de julho, mas líderes indígenas lembraram que ele tem um histórico de vazamentos.

## **Controvérsia**